

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: Político Amazônico

Data 17/07/93 Pg.: 5 - Geral

05

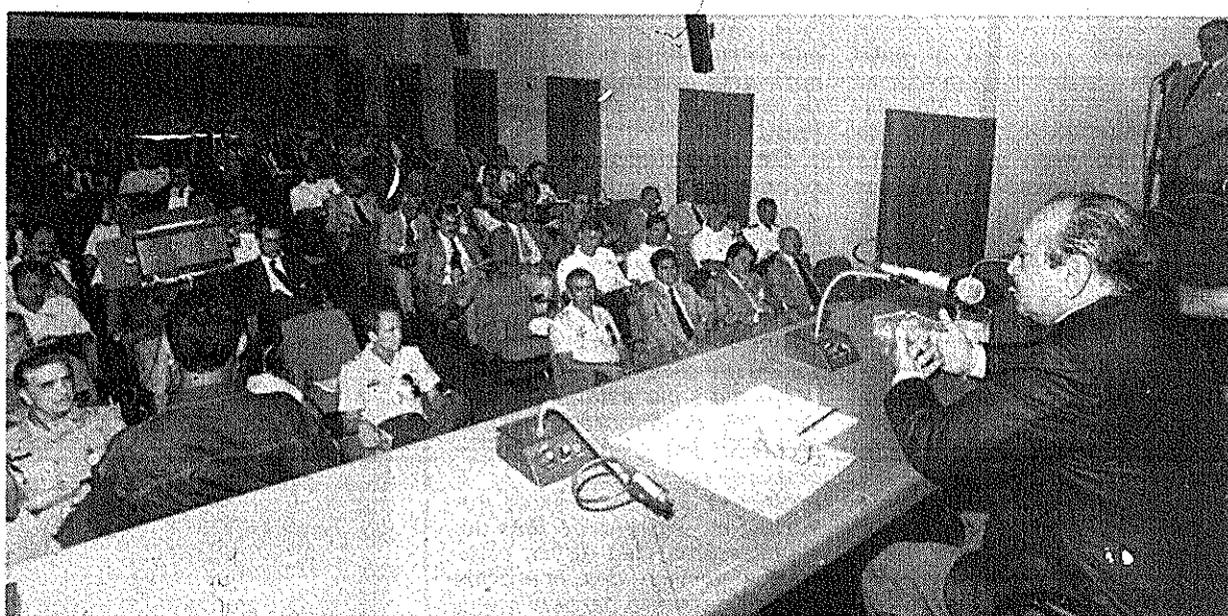
GOVERNADOR GILBERTO MESTRINHO:

# Governo Federal discrimina o Amazonas

Depois de fazer um relato dramático da crise brasileira, o governador Gilberto Mestrinho confessou aos 120 estagiários e ao Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra (ESG), que a mesma só será vencida quando houver mudança da classe política. Durante sua palestra, realizada, ontem, no Instituto Superior de Estudos da Amazônia (Isea), para a atual turma da ESG, denominada "Juscelino Kubitschek", formada por estagiários dos cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia e do Curso de Estado Maior e Comando das Forças Armadas, Mestrinho fez um relato das ações adotadas pelo Governo do Amazonas para enfrentar a crise econômica, resgatar a Zona Franca de Manaus, ao tempo em que criticou a maneira discriminatória com que o Amazonas é tratado pelo Governo Federal, e falou da necessidade da Amazônia ser encarada como uma região estratégica.

Sobre ações do Governo amazonense diante da crise econômica, Mestrinho detalhou que nos dois primeiros anos do seu terceiro mandato de Governo, com a arrecadação reduzida a um terço do volume arrecadado no ano de 90, agravada mais ainda pela inflação, conseguiu pagar atualizar o pagamento do funcionalismo que estava atrasado e mantê-lo em dia, além da concessão de reajustes para acompanhar o espiral inflacionário, com percentuais superiores ao concedido pelo próprio Governo Federal.

O governador disse que, apesar da crise, conseguiu ativar todos os setores administrativos do Estado, dando ênfase ao setor energético, onde a situação de falência era bem mais grave que nas demais áreas, embora todos precisassem ações emergenciais, como, por exemplo, os setores de Saúde e Educação, que exigiram uma total reestruturação. Mas, desabafou aliviado o governador, a situação atual está totalmente controlada, citando como exemplo, que no setor educacional as crianças têm vaga garantida sem precisar que seus pais precisem enfrentar filas para matricular suas crianças. O governador destacou tam-



Mestrinho faz dramático relatório sobre a crise econômica aos estagiários da Escola Superior de Guerra

bém as ações no setor da produção rural, onde o Estado está investindo na liberação de financiamentos para os pequenos e médios produtores, obtendo como resultado o aumento da produção de alimentos e a geração de emprego na zona rural, garantindo o desenvolvimento dos municípios e amenizando o êxodo rural.

**Tratamento discriminatório** — Com relação ao modelo Zona Franca, Mestrinho lembrou que, depois de ter sido criada para ser a salvação do Amazonas e da Amazônia Ocidental, e de ter dado demonstrações da sua eficiência, chegando a um faturamento de mais de 9 bilhões de dólares em 1990, não foi respeitada pelo Governo Federal, que impôs restrições que provocaram a sua quase desativação, reduzindo seu faturamento para pouco mais de 4 bilhões de dólares em 92, e provocando o desemprego de mais de 50 mil operários.

Mestrinho salientou que, enquanto se criava embaraços para ZFM, crescia o contrabando em Cidade Del Este, fazendo com que o País perdesse mais de 4 bilhões de dólares. Além disso, foi desencadeada uma injustificável campanha contra a Zona Franca de Manaus, acu-

sando-a de maquiadora de produtos. "A GM fabrica carro com 60% do material importado, mas isso não é considerado maquiagem", criticou o governador lembrando que, apesar de todo esse processo, o Amazonas contribui com 50,5% dos impostos federais arrecadados na Amazônia.

Para reverter este quadro, o governador Mestrinho revelou que, graças a medidas adotadas por ele, com apoio da classe empresarial e política, desde o mês de abril deste ano, já se verifica um certo aquecimento na indústria, com reflexos no setor comercial. A receita do Estado que em 1990 era de 78 milhões de dólares mensais, caiu para 26 milhões de dólares, em 1992, mas, felizmente, a produção do parque industrial tende a crescer, e o faturamento deverá ficar entre 6 e 7 bilhões de dólares.

O governador reportou-se às riquezas naturais do Amazonas: minérios, madeira e caça. Frisou que, a partir da Constituição de 88, a exploração de ouro que vinha crescendo a nível de 25% ao ano, ficou quase que reduzida a zero, e outros minérios nobres deixaram de ser explorados. "Criou-se a lenda de que a Amazônia é intocável, o que só

favorece os cartéis internacionais do Canadá, Estados Unidos, Suécia e Finlândia. Quando se derruba uma árvore, ela cresce novamente e faz com as árvores menores floresçam. É balela dizer que não se pode explorar madeira", observou, contestando a proibição do setor madeireiro. Mestrinho estendeu suas críticas a questão da caça. "Enquanto as leis brasileiras, proíbem que se mate um jacaré, outros países promovem temporadas de caças, com que ganham milhões de dólares. As leis no Brasil são feitas de forma para dentro", assinalou, embora revele que haja mudanças com a reforma constitucional, prevista para este ano.

Para melhor explicar a discriminação feita ao Amazonas, o governador Gilberto Mestrinho citou a criação das reservas indígenas. Um Ianomami, se lhe for dado um "jeep", levará a vida inteira e não percorrerá os 9 milhões de hectares que foram destinados aos índios, entre os Estados do Amazonas e Pará. "Antigamente existiam tribos indígenas, hoje existem nações indígenas. E, o mais curioso, é que só ocorre nas áreas ricas em minérios", questionou Mestrinho, afirmando que não lhe causará admiração se, mais cedo ou

mais tarde, os Ianomanis recorrerem às Nações Unidas, a fim de decretar a independência do seu território.

"Estão criando enclaves no território brasileiro, a pretexto de preservar a cultura indígena, que são verdadeiras ameaças. Que os índios precisam ter terras é indiscutível. Ninguém lhe nega esse direito. Mas, por trás de tudo isto identifica-se a cobiça internacional", alertou Mestrinho.

**Região estratégica** — O governador Gilberto Mestrinho disse aos estagiários da ESG, que eles não poderiam conhecer o Brasil, se não visitassem a Amazônia, região considerada estratégica. Referindo-se ao Amazonas, afirmou ser territorialmente o maior Estado brasileiro, com mais de um milhão e meio de quilômetros quadrados, mas com uma população rarefeita, com 3 milhões de habitantes. Assinalou que 40% dessa população está em Manaus, fato que contribuiu para a queda do extrativismo, que provocou o êxodo rural para as sedes dos municípios e para a capital. Dessa população, observou que 48% é constituída de brasileiros procedentes de outras regiões do País, que paracá se deslocaram, atraídos pela criação do pólo industrial de Manaus.

Segundo revelou Mestrinho, entre cada 2 mil migrantes, apenas mil conseguiram emprego, o que criou sérios problemas para a capital amazonense. Explicou que, ao exercer o governo do Estado, pela primeira vez, 1963, Manaus tinha 174 mil habitantes e, ao iniciar o seu segundo mandato, em 83, a cidade já estava com mais de um milhão de habitantes. Como a cidade situa-se numa planície, cheia de saliências, cortadas por rios e igarapés, as condições de habitações em algumas áreas, são difíceis. Mestrinho revelou que em estudo que mandou realizar recentemente sobre o saneamento da cidade de Manaus, apontou a necessidade de investimentos da ordem de mais de um bilhão de dólares, inacessíveis às condições financeiras do Estado.